

## MULHERES DE BARBA RIJA / 1978

Realização: Eduardo Geada / “Um Filme de”: Alexandre Gonçalves [assistente de imagem], Braga Santos, Carlos Filipe [assistente de som], Carlos Alberto [assistente de imagem], Eduardo Geada [realização, argumento, montagem], Emílio Castro [eletricista], Gonsalves Preto [argumento], Isabel Branco [assistente de realização], José Luís Carvalhosa [fotografia – segunda câmara], Manuel Costa Silva [fotografia], Maria José, Paulo de Carvalho [canção do genérico], Teresa Tainha [anotação], Tó Luís [direção de produção].

Produção: Radiotevisão Portuguesa-RTP (Portugal, 1978) / Série da RTP: “Temos Festa” / Produção: Eduardo Geada / Cópia: digital (RTP Arquivos, produzido a partir da digitalização dos materiais originais em 16mm), falada em português / Duração: 30 minutos / Primeira exibição televisiva: 15 de dezembro de 1978, RTP2 / Primeira apresentação na Cinemateca.

## O FUNERAL DO PATRÃO / 1975

*Um filme de Eduardo Geada*

Realização: Eduardo Geada / Segundo a peça homónima de: Dario Fo / Adaptação livre: Eduardo Geada / Direção de fotografia: José Luís Carvalhosa / Som: Carlos Alberto Lopes / Canções: Orlando Costa, Eduardo Geada (letra) / Montagem: Eduardo Geada / Técnicos/ Assistentes: José Maria Pimentel, Octávio Espírito Santo, Alexandre Gonçalves Jr., José Manuel Gonçalves, Júlio Sequeira, José Mourão / Colaboração Técnica: Cinequipa / Colaboração na Montagem: António Louro / Caracterização: Madalena M. Ferreira / Assistente de Guarda-roupa: Maria Lucília Fernandes / Intérpretes: Ângela Ribeiro, António Rama, Artur Semedo (chefe da polícia), Carlos César, Io Apolloni, Lia Gama, Luís Lello, Mário Viegas, Orlando Costa, Santos Manuel.

Produção: Radiotevisão Portuguesa/RTP (Portugal, 1975) / Diretor de produção: Artur Semedo / Cópia: 16mm com som magnético (Cinemateca Portuguesa), preto e branco, falada em português / Duração: 88 minutos (a versão da exibição televisiva tem uma apresentação de 11’ onde Eduardo Geada introduz o filme e lê uma carta de Dario Fo) / Primeira exibição pública: agosto de 1975, distrito da Guarda, Campanhas de Dinamização Cultural e Acção Cívica do MFA / Primeira exibição televisiva: 1 de setembro de 1975, RTP1 / Estreia comercial: 19 de junho de 1976, Cinema Universal / Primeira (e única) apresentação na Cinemateca: 15 de novembro de 1997, ciclo “Mário Viegas – Onde Está a Liberdade?”.

**NOTA:** a cópia em 16mm de **O Funeral do Patrão** corresponde a uma cópia “comag” (síncrona, mas com banda de som magnético) já com alguma deterioração. Fisicamente em bom estado, o filme apresenta a banda de imagem algo riscada e uma banda de som difícil de acompanhar. Trata-se da melhor cópia disponível do filme.

---

## MULHERES DE BARBA RIJA

Em entrevista que virá a ser publicada no catálogo da Cinemateca dedicado à obra de Eduardo Geada o cineasta fala da série **Temos Festa** que produziu para a RTP entre 1978 e 1979, sendo que realizou a grande maioria dos episódios (10 de um total de 13 – os restantes estão assinados por Gonsalves Preto). Diz ele, “**Temos Festa** partia do princípio de que hoje, na maior parte dos casos a festa e o espetáculo não são apenas um conjunto de imagens ou mitos, mas uma relação social entre pessoas, mediatizada por simulacros e rituais. Era na análise modesta dessas imagens e desses sons, desses simulacros que constituem a sociedade moderna, que os filmes iriam procurar descobrir as pessoas e o fascínio da sua relação com os outros e conosco. Daí que os próprios filmes (...), jogando no campo do documentário, estejam cheios de efeitos de encenação. É que, hoje, a festa, sobretudo na cidade, já perdeu os vestígios do sagrado e do espontâneo, para se organizar enquanto imitação da alegria e da felicidade. Essa imitação é uma forma de encenação. Constatamos que, quase sempre, por detrás da euforia e do entusiasmo se esconde uma profunda tristeza, um certo mau estar que, indiretamente, reflete a degradação das condições de vida em determinados sectores da população. Assim, ao tentar mostrar como se divertem e convivem as gentes da nossa terra, segundo tradições que ora se afastam ora foram transformadas pela indústria cultural, fui obrigado a inverter os dados da questão e acabei por mostrar também o circuito que vai da festa ao trabalho, da convivência à solidão, da participação à indiferença, do sorriso à miséria, da fachada ao interior. O propósito era levantar alguns tópicos na sociologia da vida quotidiana, tocando em temas como a magia, o *music-hall*, o baile popular, a religião, a emigração, a cultura de museu, o excursionismo, a prostituição, o desporto, as coletividades, etc.”

**Damas ao Bufete** corresponde ao quinto episódio da série, dedicado ao então recém-aberto “Ronda 77”, “boîte de transformismo” na linha do Estoril. Este era um conhecido “restaurante-boîte”, no Monte do Estoril, que se tinha tornado, entre o final dos anos 1950 e toda a década de 1960, num importante pólo noturno, promotor do Twist em Portugal. Acabou por encerrar durante o PREC e foi reaberto no ano de 1977 pela Belle Dominique que liderava uma cooperativa de travestis apropriadamente intitulada TraveCoop. A Ronda 77 tornar-se no “quartel-general” do transformismo lisboeta no pós-25 de Abril (ainda não se usava a expressão *drag*), ainda que existissem vários outros locais como o Rocamble (onde é hoje o Trumps) ou o The Memorial – havendo

uma certa disputa entre Belle e Guida Scarlatty, que logo em 1975 tinha aberto o pioneiro Scartally Club. Belle Dominique tornar-se-á na mais icónica e *pop* das travestis portuguesas, muito graças ao poder da televisão, em programas como **Minas e Armadilhas** e **Big-Show Sic. Mulheres de Barba Rija** corresponde, muito provavelmente, à sua primeira aparição televisiva.

A força do filme de Eduardo Geda está no modo como entende o espetáculo "transformista" não como uma parte separada da vida daqueles que o interpretam, mas antes como a sua continuação. Daí que transforme as atividades mais banais do quotidiano (barbear, fazer a cama, estender a roupa, cozinhar, comprar legumes no mercado) em *performances* de *playback*, como se se tratassem de números de um *show*. Esta aproximação do teatro da vida ao teatro dos palcos é uma recorrência do trabalho deste realizador, muito evidente neste período pós-revolucionário, nomeadamente em **O Funeral do Patrão** e **A Santa Aliança**. A partir daí, **Mulheres de Barba Rija** constrói-se em torno de entrevistas (com Geda muitas vezes em campo, junto aos entrevistados), onde a evocação das memórias se alia à consciência política e à defesa dos direitos laborais – uma parte importante é dedicada à questão da sindicalização das travestis. Geda encena tudo isto a partir de jogos de espelhos (durante os momentos de maquilhagem), onde os entrevistados ora falam diretamente para a câmara, ora a olham indiretamente através do reflexo. Trata-se de uma das obsessões visuais do cinema do realizador que aqui ganha contornos de comentário sobre a natureza artificial de aquele tipo de trabalho e daquele tipo de espetáculo. Em particular, o número do palhaço triste, que encerra este filme (típico do fecho dos espetáculos de transformismo), não pode deixar de remeter para o violento monólogo da palhaça desmaquilhada interpretado por Io Apolloni em **A Santa Aliança**.

Ricardo Vieira Lisboa

## O FUNERAL DO PATRÃO

Uma das coisas que hoje nos pode interessar em **O Funeral do Patrão** é o facto de se tratar de uma adaptação do nobelizado pela Real Academia Sueca: Dario Fo, acrescentando-se marcar a estreia no cinema de Mário Viegas. O que não corresponde bem à verdade, na medida em que **O Funeral do Patrão** foi feito para a televisão com uma função bem definida (que o "discurso" de abertura [não incluído nesta cópia] do realizador Eduardo Geda enquadra de forma exemplar), o que significa que a verdadeira estreia "em cinema" foi com o filme seguinte: **O Rei das Berlengas**, de Artur Semedo, feito nesse mesmo ano.

**O Funeral do Patrão** surge num tempo específico e com uma função determinada. O tempo é o da Revolução portuguesa e a função a de "agitação e propaganda". Mais do que ao cinema, onde o filme de Geda se deve inserir é nesse tipo de "trabalho" que foi levado a cabo pela televisão durante o PREC (e que teve entre tantas outras manifestações uma famosa "cegada" levada a cabo pelo grupo de teatro "A Comuna" e que ficou na história como o primeiro ato de censura desde a queda do salazarismo). Tanto pela urgência do que tinha a dizer como pela forma. O cinema que se fez nesse período caracterizou-se por uma vontade de denúncia das antigas injustiças (**As Armas e o Povo**, **Liberdade Para José Diogo**, **Deus Pátria Autoridade**), pelo testemunho da mudança das instituições (**Cooperativa Agrícola Torre Bela**, **Cooperativa Agrícola Estrela Vermelha**), uma narrativa metafórica do passado e presente do povo português (**Os Demónios de Alcácer-Quibir**), de onde se "excluíam" apenas os percursos exemplares de Manoel de Oliveira (**Benilde ou a Virgem Mãe**) e António Reis (**Trás-os-Montes**). O filme de Geda faz parte do discurso "direto" televisivo ou por ele sugerido. É o que separa **O Funeral do Patrão** do filme de César Monteiro, **Que Farei Com Esta Espada?**, também este com uma função concreta de "agit-prop" (para usar a terminologia clássica revolucionária) que foi o de "denunciar" as manobras da NATO no Atlântico e chegada ao Tejo. Mesmo que a comparação com a Revolução de Outubro e o cinema que se seguiu surja exagerada, podíamos dizer que os primeiros correspondem aos trabalhos de "propaganda" de Dziga Vertov e outras documentaristas, enquanto os dois últimos correspondem aos de um Medvedkine (**A Felicidade e Nova Moscovo**): a "agit-prop" através de filmes que congregam a caricatura, o teatro, a música, a denúncia, etc., tudo sob a égide do burlesco. É claro que a comparação é excessiva se olharmos os resultados dos trabalhos de cada um, mas é permitida no que se refere a métodos e intenções.

**O Funeral do Patrão** é um testemunho desse tipo de trabalho naquele estado de coisas. Marcado pela boa vontade nas intenções e pela "pressa" de chegar ao público. Na RTP foi exibido no momento mais quente do PREC, na ofensiva generalizada contra o "gonçalvismo" que culminaria quase três meses depois no 25 de Novembro. De certo modo é um trabalho que, a partir do texto de Dario Fo, procura expor a fratura social, o combate dos trabalhadores e os métodos do patronato, utilizando o excesso e a desmesura nas caricaturas.

Manuel Cintra Ferreira